

**1995 – ENCONTRO/MEETING – 4º ENCONTRO DO CIALP**

Participação no IV Encontro do Conselho Internacional de Arquitectos de Língua Portuguesa, com a palestra “Arquitecturas de Ficção e de Oposição em Angola”, 21 a 25 de Novembro de 1995, Salvador

Participation in the IV Meeting of the International Council of Portuguese-Speaking Architects, with the lecture "Architectures of Fiction and Opposition in Angola", November 21 to 25, 1995, Salvador



# CERTIFICADO

O Conselho Internacional dos Arquitectos de Língua Portuguesa - CIALP e o Instituto de Arquitectos do Brasil - IAB certificam que o Sr.(a) Maria João Teles Grilo participou Apresentou Comunicação

no IV Encontro do CIALP, realizado em Salvador, Bahia, Brasil de 21 a 25 de novembro de 1995.

**Frederico Hopffer Cordeiro Almada**  
Presidente do CIALP

**Romeu Duarte**  
Presidente do IAB



INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL



# CERTIFICADO

O Conselho Internacional dos Arquitectos de Língua Portuguesa - CIALP e o Instituto de Arquitectos do Brasil - IAB certificam que o Sr.(a) MARIA JOÃO ELSA BRANCO TELES GRILLO participou \_\_\_\_\_

no IV Encontro do CIALP, realizado em Salvador, Bahia, Brasil de 21 a 25 de novembro de 1995.

**Frederico Hopffer Cordeiro Almada**  
Presidente do CIALP

**Romeu Duarte**  
Presidente do IAB



INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL

## ARQUITECTURA DE FICÇÃO E DE OPOSIÇÃO EM ANGOLA

Arquitectura e tradição: em busca de uma identidade local

Maria João Teles Grilo

(...)

Vinte anos após as independências poderemos falar ainda de cidades luso-africanas? A criação de uma organização específica dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa pode ser justificada por um certo atraso nos estudos luso-africanos explicado por quarenta anos de fascismo pelo carácter recente, "em tempo histórico", das independências das ex-colónias que "aconselham" por enquanto, a tratar em colectivo estes cinco países, subtraindo-os ao seu contexto geopolítico e económico específico, para os olhar tendencialmente segundo o seu passado comum.

(...)

Pergunto, que valores permanentes serão determinantes para a compreensão da arquitectura corrente, que é aquela que marca mais objectivamente a imagem do nosso território humanizado? A persistência dos modelos culturais tradicionais, com raízes nos usos e costumes, são genericamente avaliados como elementos de marginalização e retrocesso, já que, em muitos casos se confunde o conceito de cultura autóctone com folclorismo romântico, que na realidade corresponde mais a cultura da pobreza do que as formas representativas de uma cultura nacional.

(...)

Das antigas cidades africanas restam apenas ruínas. As actuais cidades são as nascidas pela mão do colonizador. Elas representam a concretização no espaço de um poder político e económico hegemónico exterior às sociedades africanas pré-existentes. Mas como diz Joseph Ki-Zerbo: "...um povo não pode verdadeiramente enfrentar o seu futuro sem ter uma visão do seu próprio passado. Não se pode viver com a memória dos outros... a história é a memória colectiva dos povos."

"...África, porem, preocupada com o problema do seu desenvolvimento, não se ocupa muito em ressuscitar o seu passado. As despesas nesse sector são consideradas um luxo. E, contudo, o conhecimento da história africana deve ser olhado como uma parte integrante do seu desenvolvimento, mesmo económico. Com efeito, como pedir a um camponês que aumente a produtividade e que se lance na batalha económica, se não sabe, pelo menos sumariamente, o que está em causa?"

Num país como Angola, onde tragicamente se tem vindo a escrever e reescrever as suas histórias, consciencializando dramaticamente a memória colectiva, numa tentativa de encontrar a sua identidade entre o esquecimento e a memória histórica, torna-se necessário ir reduzindo o vazio de conhecimento sobre os seus modos de fazer e as suas necessidades específicas.

E se é possível dizer-se que as cidades angolanas se vão construindo quase sem os arquitectos, é impensável admitir que sem a sua arquitectura.

(...)

A urbanização em Angola acentuou a clivagem entre cidade do cimento e muceque, afastando-os cada vez para mais longe, sem no entanto criar elementos de ligação (transportes e infra-estruturas). Por conseguinte, a percepção do espaço e a noção do tempo eram diferentes para os europeus e para os

africanos. Os primeiros pensaram e pensam o futuro longo, transmitem-no e repensam-no para que ele dure, enquanto a população negra, impedida de não equacionar senão o presente, instala-se sobre o provisório. Esta semiologia do habitat exprime uma dualidade que se revê na estrutura social onde também faltam grupos de ligação que permitam um equilíbrio de relações. O tecido e a morfologia urbana reflectem, ainda hoje, esta estrutura que respondeu lentamente e descoordenadamente aos impulsos exógenos resultantes do crescimento económico.

A configuração de algumas cidades angolanas, remonta as suas origens de burgos mercantis e caracterizados por um feudalismo estruturalmente europeu mas fortemente africanizado, humana e culturalmente. A evolução destes centros urbanos tem particularidades do sistema colonial português e foi duramente marcada pelo facto de Portugal não ter entrado na segunda guerra mundial.

(...)

Angola, até ao princípio do séc. XX foi conhecida como uma entidade não africana, zona de administração portuguesa directa. (...)

Pode continuar a falar-se de polarização; localização das habitações, qualidade de materiais de construção e prestígio social são aspectos diferentes de uma mesma contradição; (...)

Dominação colonial e "dependência" actual têm determinado a forma dualista das cidades. As duas estruturas têm evoluído separadas por escolhas ainda rigorosamente actuais e reproduzem-se sem qualquer rigidez social ou física.

(...)

O contraste entre o destino originário e o modo de uso das estruturas, formalmente reconhecíveis, não é um acidente ao qual responder com a manutenção - é o produto da sobreposição dos modelos originais (homólogos aos dos países europeus), vividos no contexto social e histórico actual.

Trata-se de uma elipse que começou com um marco e uma cruz.

Pergunto-me, se, perante uma tão trágica crise de identidade, não se tenta captar mais o fim de um sistema, menos pela compreensão da sua agonia do que pelo medo da sua desintegração?

Partindo de um sentido cosmológico, o passado, o presente e o futuro formam um contínuo cujo sentido ou a falta dele, é irreversível. Mesmo se rejeitarmos a ideologia do colonialismo, teremos, ainda assim, de habitar no seu espaço que já se instituiu como uma temporalidade cuja transformação deverá naturalmente incorporar o saber destas experiencias acumuladas, testada que está a apropriação e a relação que entre as duas estruturas foi feita, (...)

(...) a construção de uma identidade local passa pela ideia de que construir em África é criar centros de cristalização abertos ao forte sentido comunitário das relações urbanas.

(...) e várias experiencias com sucesso partiram do princípio da composição, em que os espaços se formam por adição sucessiva de unidades que assegure uma diversidade viva, um ritmo estrutura/legível, estabelecendo através deste, da modulação, da plasticidade, da cor, dos materiais, uma relação com a vida que admita variações de estado e uso, tolere desvios, suporte os excessos, albergue os risos, como modo de ser das cidades angolanas, sincréticas, embaladas pelo seu creoulismo provocante, que vive atrás do seu sorriso.

**In "Arquitecturas de Ficção e de Oposição em Angola" - Congresso Internacional de Arquitectura dos Países de Língua Portuguesa - Baía/Brasil 1995**